

Sobre a Morte e o Inefável

Folha de S. Paulo, segunda-feira, 14 de novembro de 2005

LIVROS

Adélia Prado faz reflexão sobre a morte e o inefável

JULIÁN FUKS

ENVIADO ESPECIAL A OURO PRETO

Cada doença esconde em si mesma sua inexplicável cura? Cada morte deixada de herança carrega consigo uma redenção? Cada ato cotidiano -o destrinchar de um frango, uma conversa despretensiosa na cozinha, um passarinho que a atravessa e se esconde atrás da geladeira- encerra a beleza de toda uma vida?

Adélia Prado parece pensar que sim, e há quase setenta anos tem feito o favor de esmerar-se para que também o acreditemos. Desta vez, na obra que chega às livrarias na próxima semana, troca seus dóceis e líricos poemas habituais por um brado desconsolado: "Quero Minha Mãe" (Record, R\$ 24,90, 8 págs.).

Um apelo que, é claro, também há de aportar sua cota de conforto, um conforto como aquele dos braços do objeto desejado. Trata-se de uma novela curta, construída de modo poético e fragmentário, em que acompanhamos a narrativa pouco linear de Olímpia, uma mulher que se descobre acometida por uma doença grave. Pelo seu fluxo quase caótico de sonhos, lembranças, diálogos e fatos, seguimos as voltas de seu inabalável medo da morte, agravado pela memória onipresente da longínqua morte da mãe, e a dificuldade em revelar a doença para amigos e familiares.

Olímpia não é Adélia, mas quase que poderia ser. Com ela, compartilha a forte devoção à religião, compartilha a morte precoce da mãe, a idade, a condição social, a numerosa família nuclear. Compartilha também a sensibilidade para captar o momento poético e compreender o exato instante em que o gesto vão se faz poesia. E essa é a porta que se abre para nós, leitores, e para o nosso consolo.

Sobre o inenarrável, o inalcançável, o inefável e sobre a possibilidade de buscá-los na extraordinariedade do ordinário, Adélia conversou com a Folha na tarde da última sexta. Isso pouco tempo antes de falar sobre poesia por duas horas e ser aplaudida de pé pelas cerca de 200 pessoas que a ouviram no Fórum das Letras de Ouro Preto-evento literário que se encerra amanhã na cidade mineira. Leia a seguir a entrevista.

Folha - O tema da morte da mãe volta a surgir com bastante força em sua obra. A senhora considera essa uma experiência fundante e fundamental em sua vida e em sua literatura?

Adélia Prado - Sim, já disse isso num verso e é verdade: eu penso diariamente na morte. A morte foi uma experiência da minha infância. Minha mãe morreu muito jovem e, além disso, eu era constantemente chamada para acompanhar moribundos, porque sabia rezar bonito. Eu gostava de estar presente naqueles momentos, sentia que era importante uma experiência espiritual, uma oração. Era uma obrigação cristã, assistir os moribundos. Hoje vejo que isso foi muito importante para mim também, que agora sei que não se pode viver abstraído dessa realidade. É preciso viver de maneira paralela à realidade da doença e da morte.

Folha - Pensar na morte intensifica a vida?

Prado - Sim. Pensar na morte como algo real dá uma densidade à vida porque te impede de ficar alienado. Isso não entristece a vida, e sim é absorvido de tal forma que passa a fazer parte dela. A morte é realmente o último inimigo, o mais apavorante, mas é da nossa condição e nos planta na realidade. É evidente que quando você está muito próximo dela, é muito doloroso. É uma dor muito profunda, mas que tem que ser encarada. Há de haver um enfrentamento, que nos fortalece.

Folha - "Quero Minha Mãe" é um título curioso, porque é mais direto, mais infantil, do que o restante do livro...

Prado - Querer a mãe é o desejo original. Nós já nascemos órfãos, e passamos a vida inteira clamando por nossa mãe. Eu passo a minha vida inteira clamando pela minha origem, para saber a quem pertença, quem cuida de mim, quem responde por mim, quem me acode, quem me socorre. Quem tem piedade de mim.

Folha - A religiosidade responde melhor do que a poesia a essas indagações?

Prado - Responde igual. A experiência religiosa é a mesma da experiência poética-ao menos para mim. A poesia aponta para o mesmo lugar que aponta para onde a fé quer levar; são experiências de natureza comum. Tanto é verdade que a linguagem é a mesma. Os místicos só se expressam em paradoxos, só falam através de metáforas, porque falam do indizível. A poesia é a mesma coisa, e por isso o absurdo da linguagem poética, sua falta de lógica racional, sua obediência única ao estatuto interno da expressão.

Folha - Na literatura, o que não se fala é mais importante do que o que se fala? O inaudito é a essência de um livro?

Prado - Sim, exatamente. O inaudito é a essência porque toda ficção é uma tentativa de dizer o inefável. A palavra chega perto, chega à margem, mas nunca é absoluta. É um verbo ainda humano, não o verbo divino. Esse é o

encanto da poesia, que é o verbo que mais se aproxima. Não adianta você explicar e explicar a criação, lançar olhares psicológicos ou filosóficos sobre uma determinada obra. A beleza da forma permanece diante de você como um mistério. E a alma vive do mistério, que ela intui, mas não decifra.

Folha - A julgar por Olímpia, pode-se pensar que a sua religiosidade tenha se tornado mais dialética? Prado - Não, pelo contrário. Eu estou menos teológica, e isso é ótimo. Porque não se deve pensar a respeito da fé, se deve vivê-la, correr seu risco.

Folha - A morte da mãe, a religiosidade, a família, a condição social...seu livro parece apresentar uma série de elementos autobiográficos. Quanto de Adélia Prado existe em Olímpia?

Prado - O que existe de mim em Olímpia é na mesma densidade que existe em Violeta, em Antônia, e em outros personagens femininos dos meus outros livros. Rigorosamente, nunca se faz ficção pura, saída de não sei onde, do nada. A ficção nasce a partir das experiências, dos fenômenos experimentados na sua própria vida. Por meio da forma literária, tudo pode ser dito e tudo fica protegido.

Folha - Na prosa, a ficção ganha mais espaço do que na poesia? A invenção de personagens é uma forma de o autor se resguardar um pouco, se disfarçar?

Prado - A poesia é a linguagem por excelência. Então, na poesia, você está absolutamente salvo de tudo o que uma revelação autobiográfica pode lhe causar. Na verdade, o meu desejo era escrever só poesia. Mas a coisa sempre nasce da sua própria forma. Esse livro nasceu assim, em forma de discurso em prosa. Mas eu tenho fé em que ele tenha a poesia dele, senão estou perdida, e o livro também.

Folha - A senhora se considera descoberta, compreendida pelos leitores? O que tinha a dizer já foi dito e entendido?

Prado - Se foi entendido, eu não sei. Mas o que uma pessoa tem a dizer só se acaba no momento em que ela morre. A vida é tão maravilhosa que não tem jeito de se pôr um ponto final em sua expressão. O escritor não precisa ter medo. Não precisa ter aquela angústia das influências, ou de que outro autor já tenha dito o que ele tinha a dizer. Porque o que importa é a maneira singular de expressar a mesma paixão. No meu caso, a paixão da vida vidinha mesmo, sem qualquer transporte extraordinário. Acredito, pelo contrário, na extraordinariedade do ordinário.